

As colônias espirituais diante de Kardec: uma análise crítica da tese de Paulo Neto

A discussão sobre a existência de colônias espirituais tornou-se recorrente no movimento espírita brasileiro, sobretudo por influência das obras atribuídas ao Espírito André Luiz, psicografadas por Chico Xavier. Entre os trabalhos que procuram demonstrar que essas descrições seriam compatíveis com Allan Kardec está *As colônias espirituais e a Codificação*, de Paulo Neto.

O problema da obra não está em admitir como hipótese a possibilidade de ambientes, agrupamentos ou construções fluídicas no mundo espiritual. Kardec oferece elementos suficientes para considerar seriamente essas possibilidades. O problema surge quando essas possibilidades são convertidas em confirmação de um modelo muito mais específico: cidades espirituais organizadas de forma semelhante às cidades humanas, dotadas de edifícios, hospitais, instituições administrativas, alimentação, transporte e outros elementos presentes principalmente nas narrativas de André Luiz.

A análise cuidadosa mostra que Paulo Neto frequentemente ultrapassa aquilo que suas próprias fontes permitem concluir.

Uma pesquisa orientada para confirmar uma conclusão

O próprio resumo da obra declara que se trata de um “estudo desenvolvido para confirmar a realidade das colônias espirituais mencionadas por André Luiz”.

Essa formulação já revela uma dificuldade metodológica. Em uma investigação rigorosa, o ponto de partida deveria ser uma pergunta: **as fontes disponíveis confirmam, contradizem ou deixam em aberto a hipótese das colônias espirituais?**

No livro, entretanto, a conclusão aparece previamente definida. A pesquisa passa então a reunir elementos que possam ser interpretados como confirmações.

Isso favorece aquilo que, em metodologia científica, é chamado de viés de confirmação: buscar, selecionar e organizar as evidências principalmente em função de uma hipótese previamente aceita.

O problema torna-se particularmente evidente porque diferentes fenômenos são tratados como se fossem equivalentes:

- agrupamentos de Espíritos;
- criações fluídicas;
- habitações;
- mundos transitórios;
- esferas;
- regiões espirituais;
- cidades;
- colônias.

Esses conceitos não significam necessariamente a mesma coisa.

Demonstrar um deles não demonstra automaticamente os demais.

O salto entre criações fluídicas e cidades espirituais

Kardec ensina que os Espíritos podem agir sobre os fluidos por meio do pensamento e da vontade, modificando sua forma e propriedades. Esse princípio aparece especialmente em *O Livro dos Médiuns* e em *A Gênese*.

Portanto, a existência de objetos ou formas fluídicas no mundo espiritual é perfeitamente compatível com a teoria kardequiana.

Mas daí não decorre automaticamente a existência de cidades espirituais organizadas como as descritas por André Luiz.

Há uma diferença lógica importante entre estas proposições:

1. Espíritos podem produzir formas ou objetos fluídicos.

e

2. Existem cidades permanentes, estruturadas institucionalmente, onde os Espíritos vivem de maneira semelhante aos homens encarnados.

A primeira não implica necessariamente a segunda.

Seria preciso demonstrar separadamente que essas construções formam sistemas urbanos estáveis, que desempenham funções semelhantes às cidades terrestres e que os Espíritos efetivamente dependem dessas estruturas.

Paulo Neto frequentemente trata a possibilidade das criações fluídicas como se ela constituísse, por si só, uma demonstração das colônias.

Isso é um salto lógico.

O problema dos mundos transitórios

Um dos principais argumentos utilizados por Paulo Neto está nas questões 234 a 236 de *O Livro dos Espíritos*, referentes aos chamados mundos transitórios.

O autor afirma:

“Entendemos que as colônias estão em completa semelhança com as características dos mundos transitórios.”

Entretanto, o próprio texto de Kardec apresenta características bastante diferentes daquelas normalmente atribuídas às colônias de André Luiz.

Os Espíritos explicam que esses mundos podem servir temporariamente de habitação aos Espíritos errantes. Mas, quando Kardec pergunta se são habitados também por seres corpóreos, recebe esta resposta:

“Não; estéril é neles a superfície. Os que os habitam de nada precisam.”

Paulo Neto reconhece essas informações, mas imediatamente acrescenta:

“Entendemos que, sendo habitações temporárias, haverá neles construções...”

Esse “haverá”, porém, não está em Kardec.

É uma inferência do autor.

A palavra “habitação”, no contexto, significa simplesmente permanência temporária. Não exige necessariamente casas, edifícios ou estruturas urbanas.

Há ainda outro detalhe importante. Kardec pergunta se a Terra já pertenceu à categoria dos mundos transitórios. A resposta é afirmativa: isso teria ocorrido durante sua formação.

Esse elemento mostra que estamos diante de uma condição planetária transitória, e não da descrição de cidades espirituais construídas próximas à Terra.

Assim, os mundos transitórios podem ser relacionados ao estado de erraticidade dos Espíritos, mas não constituem uma demonstração de colônias semelhantes a *Nosso Lar*.

“Os que os habitam de nada precisam”

Essa frase merece atenção especial.

Segundo Kardec, os Espíritos que habitam esses mundos “de nada precisam”.

Isso não significa que o Espírito não possa trabalhar, aprender ou utilizar criações fluídicas.

Mas dificulta uma interpretação baseada em necessidades semelhantes às necessidades orgânicas humanas.

Nas obras de André Luiz aparecem, por exemplo:

- hospitais;
- alimentação;
- dormitórios;
- transportes;
- estruturas administrativas;
- sistemas de abastecimento;
- instituições diversas.

Para demonstrar que tudo isso corresponde objetivamente à vida espiritual, não

basta provar que os fluidos podem assumir formas.

Seria necessário demonstrar por que Espíritos necessitariam dessas estruturas e qual seria sua função objetiva.

Kardec não fornece essa demonstração.

A analogia da “grande cidade”

Outro exemplo revelador aparece na questão 278 de *O Livro dos Espíritos*.

Os Espíritos explicam que aqueles de uma mesma categoria se aproximam por afinidade e formam grupos ou famílias. Kardec compara essa situação a uma grande cidade, onde pessoas de diferentes classes se encontram sem necessariamente se misturar.

Paulo Neto então conclui:

“não é todo improvável; aliás, para nós, é até lógico, constituírem locais ou mesmo cidades para isso.”

O problema é que Kardec utiliza a cidade como analogia.

Ele não afirma que os Espíritos vivem literalmente em cidades.

Há uma diferença entre dizer:

os Espíritos agrupam-se de maneira comparável às sociedades existentes numa cidade;

e dizer:

os Espíritos constroem cidades.

Transformar o termo de uma comparação em afirmação ontológica é uma reificação da metáfora.

As “moradas aéreas” da Condessa Paula

Paulo Neto também cita uma comunicação da Condessa Paula publicada em *O Céu e o Inferno*. Ela menciona “moradas aéreas” e assembleias de Espíritos.

Depois dessa citação, Paulo afirma:

“podemos afirmar, com segurança, que na Codificação tem, sim, aquilo que alguns confrades querem combater como se não fosse doutrinário.”

Aqui surge outro problema metodológico importante.

Uma comunicação publicada por Kardec não se torna automaticamente um princípio doutrinário.

As obras de Kardec contêm inúmeras comunicações particulares utilizadas para estudo moral, psicológico ou experimental.

Se cada detalhe de todas essas comunicações fosse automaticamente doutrinário, seria necessário transformar em doutrina todo o conteúdo de cada mensagem publicada.

Esse nunca foi o método de Kardec.

Portanto:

publicado por Kardec não significa automaticamente estabelecido por Kardec como verdade doutrinária.

Esse princípio é fundamental para analisar corretamente a *Revista Espírita* e também as comunicações presentes em *O Céu e o Inferno*.

O caso da comunicação atribuída a Voltaire

Algo semelhante ocorre com uma comunicação atribuída a Voltaire, publicada na *Revista Espírita* de 1859.

Nela aparecem referências a “habitações dos Espíritos” e “construções

maravilhosas das moradas espíritas”.

Paulo Neto interpreta isso como demonstração de que Kardec estava “de pleno acordo” com a existência dessas construções.

Mas o próprio comentário de Kardec chama a atenção para outro aspecto: a “influência das ideias terrestres sobre as ideias de além-túmulo”.

Esse detalhe deveria produzir cautela.

O Espírito pode interpretar ou expressar sua experiência utilizando categorias mentais formadas durante a vida terrestre.

Isso não significa necessariamente que tudo aquilo que descreve corresponda literalmente à estrutura objetiva do mundo espiritual.

Kardec alerta contra a materialização do mundo espiritual

Na questão 1012 de *O Livro dos Espíritos*, os Espíritos explicam que não existem lugares circunscritos especialmente destinados às penas e recompensas.

Kardec comenta:

“A localização absoluta das regiões das penas e das recompensas só na imaginação do homem existe. Provém da sua tendência a materializar e circunscrever as coisas...”

Isso não significa que nenhum ambiente espiritual possa existir.

Também não significa que os Espíritos não possam reunir-se ou produzir formas fluídicas.

Mas estabelece uma advertência metodológica fundamental: existe uma tendência humana de transformar realidades espirituais em geografias materiais.

Qualquer teoria sobre regiões espirituais, portanto, deveria ser examinada com especial cuidado.

“Cidade das flores” e “cidade dos eleitos”

Essa cautela torna-se ainda mais importante quando Kardec trata diretamente de expressões utilizadas para descrever o mundo espiritual.

Em *O Livro dos Espíritos*, ele explica que termos como “cidade das flores”, “cidade dos eleitos” e determinadas “esferas” podem ser simplesmente formas figuradas de expressão.

Isso cria uma questão fundamental que Paulo Neto não resolve:

como distinguir uma cidade objetiva de uma representação simbólica, uma criação fluídica temporária ou uma imagem formada segundo as concepções do próprio Espírito?

A simples repetição da palavra “cidade” em diferentes comunicações não responde a essa pergunta.

Antes de utilizar essas narrativas como prova, seria necessário estabelecer critérios capazes de distinguir essas diferentes possibilidades.

Agrupamento moral não implica território

Kardec ensina que Espíritos se aproximam por simpatia, afinidade e objetivos comuns.

Mas uma associação não exige necessariamente um território.

Esse ponto se torna ainda mais relevante quando consideramos outra característica do mundo espiritual apresentada por Kardec: os Espíritos não estão presos ao solo e podem transpor distâncias com grande rapidez.

Paulo Neto reproduz em sua própria obra a passagem de *O Céu e o Inferno* segundo a qual, em razão da natureza fluídica do perispírito, os Espíritos atravessam distâncias com a rapidez do pensamento.

Se o Espírito não depende da locomoção material e não está territorialmente preso a um lugar, a reprodução de uma organização urbana terrestre precisa ser demonstrada, e não simplesmente presumida.

O uso problemático do Controle Universal

Na conclusão, Paulo Neto apresenta uma longa lista de pesquisadores, médiuns, autores e psicografias provenientes de diferentes regiões do mundo.

Com base nisso, afirma:

“a nosso ver, cumpre-se muito bem o CUEE”.

Esse é provavelmente um dos maiores problemas metodológicos da obra.

O Controle Universal do Ensino dos Espíritos não significa simplesmente reunir muitas pessoas que disseram coisas parecidas.

Para haver verdadeira concordância independente, seria necessário analisar fatores como:

- independência efetiva das fontes;
- influência cultural entre os autores;
- conhecimento prévio de outras obras;
- identidade precisa entre as proposições comparadas;
- qualidade das comunicações;
- existência de relatos divergentes;
- compatibilidade com a razão e com os princípios previamente constatados.

A distância geográfica não basta para demonstrar independência.

Dois médiuns podem estar em países diferentes e conhecer as mesmas obras.

Dois autores podem pertencer a uma mesma tradição espiritualista.

Médiuns brasileiros posteriores à publicação de *Nosso Lar* atuaram em um ambiente cultural profundamente influenciado pelas obras de Chico Xavier.

Assim, a concordância pode resultar de transmissão cultural, e não necessariamente de confirmação independente.

A mistura de categorias de evidência

Paulo Neto coloca no mesmo conjunto:

- pesquisadores;
- médiuns;
- psicografias;
- experiências de desdobramento;
- experiências de quase-morte;
- autores espíritas;
- espiritualistas;
- comunicações mediúnicas.

Essas fontes possuem naturezas epistemológicas diferentes.

Um relato de experiência de quase-morte não é equivalente a uma comunicação mediúnica.

Uma opinião filosófica de Léon Denis não é equivalente a uma observação experimental.

Uma psicografia posterior não é automaticamente independente de uma obra mediúnica anterior.

Ao tratar todas essas fontes simplesmente como confirmações acumuladas, Paulo Neto produz uma aparência de convergência maior do que aquela que efetivamente foi demonstrada.

O exemplo de Heigorina Cunha

Paulo Neto cita Heigorina Cunha, que relata uma experiência fora do corpo na qual teria visitado uma cidade espiritual identificada posteriormente como *Nosso Lar*.

Esse relato pode ser interessante como testemunho.

Mas, para funcionar como confirmação independente, seria necessário investigar:

- se ela já conhecia *Nosso Lar*;
- quais elementos foram registrados antes da identificação;
- quem realizou a identificação;
- quais coincidências existiam;
- quais divergências existiam;
- se houve comparação posterior influenciada pelo conhecimento da obra.

Sem esse controle, temos um relato subjetivo significativo para quem o viveu, mas não uma demonstração científica independente.

As experiências de quase-morte

Paulo também cita relatos de experiências de quase-morte em que aparecem “cidades de luz”, edifícios ou ambientes semelhantes.

Esses relatos merecem investigação.

Mas novamente é necessário distinguir:

alguém relatou perceber uma cidade durante uma EQM

de

essa experiência confirma a existência das colônias descritas por André Luiz.

Uma “cidade de luz” não demonstra hospitais espirituais, ministérios, sistemas de transporte ou organizações administrativas.

A semelhança parcial não constitui identidade.

O caráter progressivo do Espiritismo

Paulo Neto cita corretamente diversos textos em que Kardec afirma que o Espiritismo não está terminado e deve acompanhar o progresso do conhecimento.

Esse princípio é fundamental.

Mas há uma diferença entre dizer:

novas verdades poderão ser incorporadas ao Espiritismo;

e dizer:

uma ideia posterior deve ser aceita porque o Espiritismo é progressivo.

O próprio Kardec estabelece que proposições ainda não demonstradas devem permanecer no campo das hipóteses até sua confirmação.

Paulo Neto chega a reproduzir esse princípio:

aquilo que ainda não foi constatado deve ser admitido apenas “a título de hipóteses até a confirmação”.

Esse critério poderia ser aplicado diretamente às colônias espirituais.

A posição metodologicamente coerente seria:

as colônias constituem uma hipótese que pode ser investigada.

Entretanto, Paulo termina afirmando estar “totalmente convencido” de sua realidade.

Existe, portanto, uma tensão entre o método de Kardec que o próprio autor cita e a forma como conduz sua conclusão.

Léon Denis e Bozzano não encerram a questão

Na conclusão, Paulo Neto chega a afirmar que, para ele, bastariam as opiniões de Léon Denis e Ernesto Bozzano para aceitar as colônias, representando respectivamente uma base filosófica e científica.

Esse argumento é incompatível com o princípio espírita de autoridade doutrinária.

Nem Léon Denis, nem Bozzano, nem Chico Xavier, nem qualquer médium ou pesquisador isolado possui autoridade suficiente para estabelecer uma verdade

espírita.

O valor de suas contribuições depende da demonstração dos fatos e da consistência metodológica da investigação.

Substituir autoridade religiosa pela autoridade de nomes respeitados continua sendo um argumento de autoridade.

O problema da definição de “colônia espiritual”

Há ainda uma dificuldade conceitual fundamental.

O livro utiliza como evidência de colônias fenômenos muito diferentes:

- grupos espirituais;
- moradas;
- mundos;
- esferas;
- cidades;
- ambientes;
- construções;
- paisagens;
- comunidades.

Mas o que exatamente é uma “colônia espiritual”?

Uma cidade?

Um agrupamento de Espíritos?

Uma região fluídica?

Uma formação mental coletiva?

Um planeta transitório?

Uma instituição?

Sem uma definição precisa, praticamente qualquer descrição do mundo espiritual pode ser apresentada como confirmação.

Isso torna a hipótese excessivamente flexível.

E uma hipótese que pode explicar qualquer coisa corre o risco de não poder ser efetivamente testada.

O que Kardec realmente permite concluir

Uma análise cuidadosa das obras de Kardec permite sustentar vários pontos:

Kardec admite que o mundo espiritual possui realidade objetiva.

Admite que os Espíritos mantêm intensa atividade.

Admite que eles se agrupam por afinidade.

Admite que o pensamento atua sobre os fluidos.

Admite que podem existir objetos e formas fluídicas.

Admite que Espíritos podem perceber ambientes que possuem aparência material para eles.

Nada disso deve ser negado.

Mas também encontramos advertências igualmente importantes:

- o Espírito conserva ideias e concepções terrestres;
- a linguagem espiritual pode ser figurada;
- expressões como cidades e esferas podem ser alegóricas;
- existe tendência humana de materializar o mundo espiritual;
- comunicações individuais não constituem automaticamente doutrina;
- concordância só possui valor quando acompanhada de independência, razão, lógica e controle;
- aquilo que ainda não foi demonstrado deve permanecer como hipótese.

Portanto, não é metodologicamente correto afirmar que as obras de Kardec

confirmam as colônias de André Luiz.

Conclusão

A principal fragilidade de *As colônias espirituais e a Codificação* não está em defender uma hipótese possível.

Está em apresentar como confirmação aquilo que as fontes permitem, no máximo, considerar como possibilidade.

Paulo Neto identifica corretamente elementos da teoria espírita que tornam concebível a existência de formas, ambientes e organizações no mundo espiritual. Mas frequentemente transforma possibilidade em evidência, analogia em descrição literal, concordância aparente em Controle Universal e testemunhos heterogêneos em demonstração acumulada.

A conclusão mais rigorosa não é:

“Kardec demonstrou que as colônias espirituais não existem.”

Essa afirmação iria além das evidências.

A conclusão metodologicamente sustentável é outra:

as obras de Allan Kardec não fornecem base suficiente para elevar as colônias espirituais descritas por André Luiz à condição de conhecimento estabelecido da Ciência Espírita.

Elas podem ser apresentadas como hipótese.

Podem ser investigadas.

Podem ser debatidas.

Mas, segundo os próprios critérios formulados por Kardec, uma hipótese não se transforma em verdade doutrinária porque muitos autores a repetiram, porque um médium respeitado a transmitiu ou porque encontramos passagens que parecem compatíveis com ela.

No método espírita, a autoridade está na demonstração.

E é justamente essa demonstração que ainda falta.